

# Panorama

Porto Alegre, segunda-feira, 5 de fevereiro de 2018 - Nº 99 - Ano 34



Um dos favoritos ao Oscar, *A forma da água* está em cartaz nos cinemas

FOX/DIVULGAÇÃO/IC

## ESTREIA

# Fábula para adultos

Ricardo Gruner

**A** aclamação de *A forma da água* começou em setembro, quando ganhou o Leão de Ouro no Festival de Veneza – nada mal para uma produção de fantasia, gênero esnobado em eventos normalmente associados a um cinema “cabeção” e autoral. Passados quatro meses, o filme entrou em cartaz no Brasil na quinta-feira passada – já como líder no número de indicações ao Oscar.

*A forma da água* não é um longa-metragem de monstro convencional. É também um romance, com tintas de aventura, musical e até momentos de espionagem. Entretanto, peca por não se decidir se a história tem como foco crianças ou adultos: não fosse sexo e violência, certamente seria um filme

infantojuvenil.

A narrativa se passa em meio à Guerra Fria, no começo da década de 1960. Os Estados Unidos estão perdendo a corrida espacial, mas um laboratório reserva, aos norte-americanos, aquilo que eles consideram um possível trunfo: uma criatura anfíbia, mas humanoide, capturada na Amazônia, onde era tratada como um deus. Elisa (papel de Sally Hawkins, indicada ao Oscar) trabalha na limpeza do local e se afeiçoa pelo ser misterioso.

Com esse recorte, o diretor Guillermo del Toro privilegia o amor em um conto que versa sobre o medo do desconhecido, mas também cita homofobia e racismo. São os outsiders, aqueles que têm dificuldades de se enquadrar na sociedade, que protagonizam o longa-metragem. Elisa, por exemplo, é muda, com

origem latina, e tem como amigos uma negra (Octavia Spencer, que vive a faxineira Zelda) e um gay (Richard Jenkins, no papel do vizinho da protagonista). Todos eles passam por situações de violência, embora a opressão seja mais mencionada do que desenvolvida tematicamente, e todos têm papéis decisivos para o desenrolar da trama.

O diretor se sai muito melhor ao mostrar os efeitos da paixão em um nível pessoal do que ao tentar passar mensagens politicamente corretas. Elisa tem uma rotina de minutos contados, mas sua percepção do mundo muda conforme se envolve com a criatura. O amor é capaz de fazer alguém ver poesia até em pingos d’água, e Del Toro trata esse desabrochar com a sensibilidade dos apaixonados.

O fato de o cineasta ser um obcecado por monstros deve

ter ajudado. Conhecido especialmente por *O labirinto do fauno* (2006), o mexicano tem uma carreira inteira dedicada a filmes de fantasia. Entre outros projetos, dirigiu *Hellboy* (2004), trabalhou nos roteiros da trilogia *O hobbit* (2012-2014) e assina a série *The strain* (2014-2017) como produtor executivo.

Para *A forma da água*, o realizador teve como inspiração *O monstro da lagoa negra* (1954), embora o filme faça referência também a outros trabalhos da era de ouro de Hollywood – algo que parece estar virando tendência. Por trás da perfumaria e das celebrações a diferentes gêneros, entretanto, o roteiro apresenta uma série de clichês que inclui até um vilão caricatural (Michael Shannon).

No sábado último, Del Toro ganhou o prêmio de melhor cineasta do Sindicato dos Direto-

res de Cinema e Televisão (DGA, sigla em inglês), depois do título ter sido o vencedor da premiação do Sindicato dos Produtores, em 20 de janeiro. No Oscar, além de disputar as categorias de melhor filme, direção e atriz, a produção ainda concorre a roteiro original, ator e atriz coadjuvantes (Octavia Spencer e Richard Jenkins), design de produção, fotografia, figurino, montagem, edição de som, mixagem de som e trilha sonora. Se o cineasta ganhar sua primeira estatueta de direção, será o terceiro mexicano em cinco anos a realizar tal feito: Alfonso Cuarón (*Gravidade*, 2014) e Alejandro Iñárritu (*Birdman*, 2015, e *O regresso*, 2016) conquistaram a láurea. Em tempos de muros e preconceitos, parece ser a vez dos latinos em Hollywood. Ou, nesse caso, será que também dá para chamar Del Toro de um outsider?